

Operações reantropofágicas em Makunaima

Reanthropophagic performances in Makunaima

Mônica de Souza Chissini¹

Resumo: Neste artigo, propomos a análise da obra *Makunaimã: o mito através do tempo* (Taurepang *et al.*, 2019), apresentando-a como significativa produção literária indígena no Brasil, a partir de uma perspectiva reantropofágica (Kachani, 2023). Para tanto, abordamos a obra *Macunaíma* (1928), de Mário de Andrade (2016), romance modernista brasileiro que configura uma alegoria da formação do povo brasileiro e que subsidia a peça *Makunaimã: o mito através do tempo*. Levando em conta as cosmologias implicadas na composição de *Macunaíma* (1928) e a entidade Makunaima presente em narrativas míticas de diferentes povos, sobretudo os Taurepang e os Macuxi, exploramos o debate acerca das apropriações em *Macunaíma* (1928). Desse modo, refletimos sobre operações reantropofágicas em criações artísticas e literárias indígenas contemporâneas que abarcam Makunaima enquanto entidade e força transformadora. Assim, evidenciamos a atual produção indígena no Brasil enquanto expressão que confere resistência, manutenção e revitalização cosmológica aos povos originários.

Palavras-chave: Makunaima; reantropofagia; literatura indígena contemporânea; transformação.

Abstract: This article proposes the analysis of the work "Makunaimã: o mito através do tempo" (Taurepang *et al.*, 2019), presenting it as a significant indigenous literary production in Brazil from a reanthropophagic perspective (Kachani, 2023). In order to do so, we address the work "Macunaíma" (1928) by Mário de Andrade (2016), a Brazilian modernist novel that serves as an allegory for the formation of the Brazilian people and subsidizes the play "Makunaimã: o mito através do tempo." Taking into account the cosmologies involved in the composition of "Macunaíma" (1928) and the entity Makunaima in mythical narratives of different peoples, especially the Taurepang and Macuxi, we explore the debate about

¹ Doutoranda em Letras na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Docente do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS) – *Campus* Farroupilha. Contato: monica.chissini@farroupilha.ifrs.edu.br Orcid <https://orcid.org/0000-0002-4907-8242>



Revista do GT de Literatura Oral e Popular da ANPOLL –ISSN 1980-4504
DOI: XXXXXXXX

appropriations in "Macunaíma" (1928). In this way, we reflect on reanthropophagic performances in contemporary indigenous artistic and literary creations that encompass Makunaima as an entity and transformative force. Thus, we highlight the current indigenous production in Brazil as an expression that provides resistance, maintenance, and cosmological revitalization to the indigenous peoples.

Keywords: Makunaima; reanthropophagy; contemporary indigenous literature; transformation.

Boitató, Londrina, 2023
Recebido em: 26/02/2024
Aceito em: 22/03/2024



BOITATÁ, Londrina
<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>

Operações reantropofágicas em Makunaima

Mônica de Souza Chissini

Considerações iniciais

O presente artigo propõe a análise da obra *Makunaimã: o mito através do tempo* (Taurepang *et al.*, 2019), seus elementos literários e aspectos estéticos e políticos enquanto produção literária indígena do Brasil, de modo a discutir a perspectiva reantropofágica (Baniwa, 2023). Nesse sentido, abarcamos *Macunaíma* [1928], de Mário de Andrade (2016), romance modernista brasileiro que configura uma alegoria da formação do povo brasileiro e que subsidia a peça *Makunaimã: o mito através do tempo*. Com isso, buscamos evidenciar aspectos de Makunaima² enquanto herói cultural na literatura brasileira e em narrativas dos povos Taurepang, Macuxi e Wapichana.

Em nossa análise, tencionamos adensar a discussão acerca de *Macunaíma* (1928) e amplificar percepções da entidade Makunaima a partir de Lúcia Sá (2012), do ensaio *Makunaima, o meu avô em mim!*, de Jaider Esbell (2018), e de entrevistas realizadas com Denilson Baniwa (2021, 2023). Na esteira do debate de Esbell (2018) e Baniwa (Kachani, 2023) sobre reantropofagias, buscamos explorar a noção de reantropofagia cultural, como metáfora de devoração cultural para transformação no mundo, agregadas à menção da força transformadora em *Enugbarijó*, potência exusíaca de tradição negro-africana apontada por Luiz Rufino (2019), em *Pedagogia das Encruzilhadas*, e referida como “a boca coletiva dos orixás, a boca que tudo come, a boca cósmica. Princípio dinâmico que versa sobre toda e qualquer possibilidade de transformação” (Rufino, 2021).

Desse modo, a presente discussão visa a refletir de que forma a perspectiva (re)antropofágica tem sido considerada para abarcar Makunaima no debate cultural brasileiro, considerando a devoração enquanto elemento mobilizador de transformação e metamorfose.

Macunaíma, de Andrade

Em 1928, Mário de Andrade publicava a obra *Macunaíma*, marco da literatura brasileira. Também intitulado *Macunaíma, o herói sem nenhum caráter*, o referido romance emerge no contexto modernista literário do Brasil. *Macunaíma* é uma rapsódia que transita pelo fantástico, além de transcriar e dialogar com cosmologias de povos indígenas brasileiros. Assim, narra as peripécias de um herói complexo e de grande adaptabilidade, subsidiadas por referências de povos originários como alegoria da formação do povo brasileiro. A obra, por exemplo, é constituída por ecos da cosmologia pemon³ (povo Taurepang, no Brasil).

² Neste trabalho, “Makunaima”, com *k* e sem acentos, refere-se à entidade indígena. “Macunaíma”, com *c* e acento, refere-se ao livro de Mário de Andrade. “Makunaimã”, com *k* e til, refere-se ao texto dramático.

³ “Pemon é o nome pelo qual taurepangs (chamados taulipangs por Koch-Grünberg), arekunas e kamarakotos se autodenominam e quer dizer ‘gente’, ou seja, aqueles que falam a língua pemon [...]” (Sá, 2012, p. 43).



Mário de Andrade pesquisou extensivamente a cultura popular brasileira, inclusive narrativas de povos indígenas brasileiros. Alicerçado pela dimensão mítica originária, Andrade cria *Macunaíma* como um amálgama de diversos elementos simbólicos da cosmologia indígena e da cultura popular brasileira. A narração em terceira pessoa, já em seu capítulo I, abarca o nascimento do personagem Macunaíma, trecho que remete ao capítulo II⁴ do romance *Iracema* (1865), de José de Alencar (1865), que, de igual modo, narra o nascimento da personagem indígena Iracema.

Apesar da intertextualidade presente em *Macunaíma*, a romantização e folclorização características na personagem Iracema, em seu nascimento, não é reproduzida na narrativa do nascimento de Macunaíma. Ao contrário, produz uma quebra de expectativa do narrador, que anuncia que Macunaíma é uma “criança feia”, “filho do medo da noite”, “preto retinto”, “parido de mãe índia” (Andrade, 2016, p. 8). Macunaíma é mestiço, como boa parcela do povo brasileiro, configura-se como um anti-herói ou “herói sem nenhum caráter” e é desprovido da aura de exaltação indianista da obra *Iracema*.

A recepção crítica da obra à época foi acalorada, “tanto por se tratar de uma das prosas mais bem acabadas da literatura brasileira, como por se inscrever no quadro das tentativas de simbolização-invenção da identidade nacional” (Faria, 2006, p. 270), além de conferir uma natureza mais complexa às representações identitárias brasileiras presentes na literatura do país naquele período.

Makunaimã: vozes no mito

Após 91 anos da publicação de *Macunaíma* de Mário de Andrade, é lançada, em 2019, *Makunaimã: o mito através do tempo*, obra do gênero dramático, de autoria coletiva, produzida pelo artista macuxi Jaider Esbell e outros autores (Taurepang *et al.*, 2019). O livro apresenta texto e imagens de obras de Jaider Esbell alusivas às metamorfoses de Makunaimã na tradição Taurepang⁵. *Makunaimã* (2019) propõe uma revisão histórica e cultural a partir de *Macunaíma* (1928). Para tanto, articula um encontro improvável pela tessitura de uma peça teatral na qual o escritor Mário de Andrade, um de seus personagens, retorna do mundo dos mortos e se dispõe a conversar com intelectuais indígenas e não indígenas acerca dos sentidos de *Macunaíma* (1928) para este tempo. Trata-se de uma peça em dois atos, na qual cria-se uma oportunidade ficcional de confronto e diálogo: o escritor Mário de Andrade acorda, mais de setenta anos após sua morte, e, ao se dirigir até a sala de sua casa, que se tornara um museu, encontra Avelino Taurepang, Deborah Goldenberg, Laerte Wapichana, Bete, Jaider Esbell, Akuli-mumu, Marcelo Ariel, Prof. Dr. Armando de Almeida Russ, Pedro, Iara Rennó e Jefferson Gonçalves. Nesse espaço, os presentes conversam sobre temas como narrativas originárias, autoria e apropriação cultural. Nos dois atos da peça, a

⁴ “Além, muito além daquela serra, que ainda azulava no horizonte, nasceu Iracema. Iracema, a virgem dos lábios de mel, que tinha os cabelos mais negros que a asa da graúna e mais longos que seu talhe de palmeira. O favo da jati não era doce como seu sorriso; nem a baunilha recendia no bosque como seu hálito perfumado. Mais rápida que a ema selvagem, a morena virgem corria o sertão e as matas do Ipu” (Alencar, 1991, p. 7).

⁵ As imagens que compõem a obra *Makunaimã: o mito através do tempo* são provenientes de ilustrações produzidas em telas pelo artista Jaider Esbell que integraram a Exposição de arte *Meu Avô Makunaimã* (Esbell, 2018), realizada em “um salão colonial numa metrópole amazônica” (Esbell, 2018, p. 21).



interlocução entre os personagens envolve a discussão de marcos culturais, dentre eles a obra *Macunaíma* e sua relevância na contemporaneidade. Diante do debate, a peça teatral é permeada por drama e comédia, além de tensionamentos sobre os modos de ouvir, registrar e narrar a partir da cosmologia indígena. Tendo isso em vista, buscamos analisar a obra *Makunaimã, o mito através do Tempo*, de Taurepang *et al.* (2019), reconhecendo a peça enquanto obra de referência da literatura indígena contemporânea brasileira, destacando-se os elementos de (trans)criação e diálogo com *Macunaíma* (1928) em uma composição reantropofágica, haja vista a revisão e realocação de narrativas que ela opera.

O romance *Macunaíma*, de Andrade, configura uma alegoria de formação do povo brasileiro, que recria e mescla narrativas e culturas indígenas de povos distintos e tem sua vanguarda reafirmada em *Makunaimã: o mito através do tempo*. Na peça, os diversos personagens, dentre eles Mário de Andrade, buscam apreender a pertinência de *Macunaíma* (1928), tanto nas primeiras décadas do século XX como na contemporaneidade, reconhecendo-a como obra de ruptura, embora manifestem ressalvas em relação ao seu processo de composição a partir de Theodor Koch-Grünberg⁶. As interações na peça *Makunaimã* abarcam o engendramento do romance, suas extrapolações e ancoragens em narrativas cosmológicas indígenas, muitas das quais, de fato, são provenientes dos registros de Koch-Grünberg acerca da cosmologia pemon e que, depois, tornaram-se conhecidas em *Macunaíma* (1928) (Andrade, 2016).

No Ato I de *Makunaimã* (2019), o personagem Pedro destaca os ecos entre as narrativas míticas e os registros de Koch-Grünberg em *Macunaíma* (1928): “Como diz Raimundo Soares, *Macunaíma* é todo inspirado em *Vom Roraima zum Orinoco*, coleção de mitos do etnógrafo Koch-Grünberg, escrita com base em seu extenso trabalho de campo realizado no início da década de 1920, em Roraima” (Taurepang *et al.*, 2019, p. 17). A partir da explicitação da proveniência das narrativas, a peça introduz o tema da complexa intertextualidade em *Macunaíma* (1928), o qual é intensificado após Mário de Andrade despertar e escutar, ao longe, a discussão. Andrade manifesta que, de fato, copiou de Koch-Grünberg, como também de outras obras e autores⁷. De forma irônica, menciona ter se inspirado até em Pero Vaz de Caminha e acrescenta: “Ai, que preguiça”, reiterando uma expressão recorrente do personagem *Macunaíma* ao longo do romance.

Em seguida, Mário se depara com os personagens em sua sala, que integra o museu *Casa Mário de Andrade*, em São Paulo, e passam às interações. É quando o personagem Laerte Wapichana, escritor indígena, questiona a composição de *Macunaíma* por ter: “[...] deslocado fragmentos do nosso sagrado e misturado outras coisas até se tornar algo que não significa nada pra gente” (Taurepang *et al.*, 2019, p. 19). Assim, é gerado o mote para o encontro e para a revisão histórico-cultural na obra, com o reconhecimento de *Macunaíma* como romance resultante de muitas apropriações de narrativas indígenas. Para corroborar, Laerte se dirige a Mário de Andrade e alerta que: “quando você pega as nossas histórias e mistura com outras é como um xingamento para nós. Quando você mistura Ceuci, do povo

⁶ Theodor Koch-Grünberg (1872-1924) foi um etnologista alemão que, a partir de suas expedições, registrou diversos mitos de povos indígenas da América do Sul, sobretudo da Venezuela e da região amazônica.

⁷ A manifestação de Mário de Andrade na peça corresponde a um texto-resposta do autor, publicado no Diário Nacional, em 1931, sobre fontes que teria utilizado para a escrita de *Macunaíma* (1928).



Tembé, que padeceu antes do século XX, com o barro do povo Carajá, com Makunáima, como se fosse tudo igual, você nos desvaloriza” (Taurepang *et al.*, 2019, p. 41).

Dessa forma, a peça revisita a constituição de *Macunaíma* (1928) de modo a visibilizar e localizar as narrativas míticas indígenas presentes no romance⁸. Com efeito, problematiza a mescla de elementos cosmológicos de povos indígenas distintos, que acaba por reduzir tal multiplicidade mítica a uma expressão única e reforçar a folclorização das culturas originárias. Essas apropriações são contestadas, ainda, pela personagem curadora, Deborah Goldenberg, que aponta que as narrativas indígenas reduzidas a “mitos e lendas” configuram vestígios de sistemas complexos que foram gradativamente aniquilados pela violência colonial.

O impacto dos processos coloniais sobre os sistemas culturais indígenas é também abordado pelos personagens Mário de Andrade e Avelino Taurepang, cujo avô era Akuli Taurepang, pajé e um dos notáveis narradores que compartilhou muitas das narrativas de seu povo com Koch-Grünberg⁹. A partir do exposto, a peça avança na proposição de revisão histórica, aludindo, ainda, a processos de desterritorialização e evangelização de povos indígenas no Brasil. O reconhecimento da violência perpetrada aos povos indígenas no processo colonial e missionário surpreende o personagem Mário de Andrade.

No Ato 2, as questões de apropriação possibilitam o destaque à ampla intertextualidade em *Macunaíma* (1928), sobretudo quando os personagens propõem a leitura de trechos da obra de Mário de Andrade. Por meio dessa leitura compartilhada entre os personagens, diferentes versões e narrativas sobre Makunaima são contadas e têm suas relações cosmológicas restabelecidas¹⁰.

Nesse processo, há aproximações entre *Macunaíma* (1928), as narrativas pemon provenientes dos registros de Koch-Grünberg e as narrativas de Akuli Taurepang na peça, que conferem uma percepção mais complexa da entidade Makunaima, especialmente em seu aspecto de transformação. De fato, as narrativas pemon registradas por Koch-Grünberg apresentam Makunaima enquanto um ancestral de alguns povos indígenas que atua na transformação do mundo¹¹.

Nessa dinâmica, *Makunaimã: o mito através do tempo* (Taurepang *et al.*, 2019) estabelece a reconciliação entre o que foi e o que é; uma renegociação dos significados presentes nos mitos que compõem *Macunaíma* (1928) e a renovação do estatuto desse

⁸ Para mais informações sobre as fontes para a composição de *Macunaíma*, de Mário de Andrade, recomendamos a leitura de Sá (2012) e de Cavalcanti Proença (1987).

⁹ O lendário indígena registrado por Koch-Grünberg é composto por cinquenta textos, dos quais os doze primeiros narram versões Taurepang e Arekuna de Makunaima (Carvalho, 2016, p. 676). Os registros do etnólogo foram sabidamente fonte significativa de Mário de Andrade para a composição do romance *Macunaíma*, particularmente o segundo volume de narrativas pemon organizadas por Koch-Grünberg (1924).

¹⁰ A Nota da edição de *Makunaimã: o mito através do tempo* (2019) apresenta aspectos importantes sobre a autoria coletiva da obra. Quanto ao contexto de produção, ressalta-se que: “Todas as histórias e ideias contidas neste livro foram contadas ao longo do evento *Makunaimã: o mito através do tempo*, ocorrido nas quatro casas da organização social POIESIS- Instituto de Apoio à Cultura, à Língua e à Literatura em agosto de 2018. A dramaturgia foi escrita e, posteriormente, todos puderam ler o texto e fazer sugestões. Os direitos autorais do livro são dedicados aos narradores indígenas taurepang, macuxi e wapichana” (Taurepang *et al.*, 2019, p. 8).

¹¹ Makunaima está presente na cosmologia pemon/taurepang, macuxi e wapichana, observadas algumas distinções, como exemplificado por Sá (2012, p. 53): “Em vez de ser um transformador que traz a cultura, como no caso pemon, Macunaíma, na versão macuxi de Schomburgk, é promovido ao papel de criador supremo [...]”.



romance como marco de criação e intertextualidade na literatura brasileira. Ao final do Ato 2, Mário desaparece e tem seu legado literário destacado por Ariel: “Jamais estaríamos aqui se não fosse por ele”. Diante da manifestação, Pedro sinaliza a contribuição da obra *Macunaíma* na preservação mítica de Makunaima no repertório cultural brasileiro: “Makunaimã provavelmente teria sido esquecido por completo”, o que é corroborado por Ariel: “Talvez até pelos Taurepang”.

Colocar-se como caça ao caçador

O romance *Macunaíma* (1928) é, na peça *Makunaima* (2019), reconhecido como produção literária que contribuiu para a continuidade e revitalização de narrativas míticas de Makunaima na contemporaneidade. Mário de Andrade é visto, então, como mediador de tal reverberação, de modo que a peça se encerra com a pergunta de Avelino: “Esse homem era pajé de vocês?”, o que é confirmado pela curadora: “Acho que sim. O pajé dos pajés – nosso Piai’mã” (Taurepang *et al.*, 2019).

Esse reconhecimento acerca de Mário de Andrade é atestado na entrevista de Morris Kachani com Denilson Baniwa (Kachani, 2023), publicada pelo Estadão, em 2023, na qual o artista Baniwa discute o tema reantropofagia, a partir da obra de mesmo nome, *Reantropofagia* (Baniwa, 2018): “Essa pintura é a cabeça do Mário de Andrade misturada com o Grande Otelo. Na pintura estamos ‘servindo’ a cabeça do Mário de Andrade para que esses indígenas devorem aquele cérebro magnífico e reutilizem os pensamentos de outras maneiras, porque gostamos dele” (Kachani, 2023).

Figura 1 – ReAntropofagia



Fonte: (Baniwa, 2018).

Acrílica, argila, óleo, pussanga e urucum sobre tela. Coleção do artista.



BOITATÁ, Londrina

<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>

Ao abordar a pintura (Figura 1), Baniwa (2023) reitera a contribuição de Mário de Andrade e de sua obra *Macunaíma*, além de sinalizar para questões de reapropriação em uma operação reantropofágica; do mesmo modo que Andrade devorou referências indígenas para a criação de seu romance, a arte indígena contemporânea, agora, devora suas ideias para, com elas, transformar-se e produzir novos significados.

No ensaio *Makunaima: o meu avô em mim!*, Jaider Esbell (2018) faz um “convite-provocação” de viés decolonial no qual busca discutir apropriação cultural e arte indígena contemporânea pela potencialização de Makunaima. Buscando apresentar aspectos que entende como desconhecidos de Makunaima, Esbell (2018) lança um objetivo com vistas à revisão cultural: “Neste quase um século de máxima exposição, o que ainda é possível falar sobre meu avô? Defendo que tudo o que nunca foi dito” (Esbell, 2018, p. 33). Com isso, Esbell identifica Makunaima como seu avô; uma entidade de força ancestral e transformadora do mundo, que vai além das atribuições de “preguiça e falta de caráter” (Esbell, 2018, p. 13) conferidas ao personagem Macunaíma, de Andrade.

Ainda, a pertinência do romance *Macunaíma*, assinalada no encerramento da peça *Makunaimã: o mito através do tempo* ganha contornos com a afirmação de Esbell (2018) de que: “Quando Makunaima decide estar na capa do livro, sabia que a partir daquele momento sua vida ganharia outra dimensão [...] Nos preservou se entregando, se fazendo caça ao caçador” (Esbell, 2018, p. 17-18). Para Esbell (2018), Makunaima aceita ser ficcionalizado no romance *Macunaíma* para atravessar os tempos e ser revitalizado na contemporaneidade pela sua força transformadora.

A contribuição de Mário de Andrade é, por diferentes artistas indígenas, reiterada e, por mais que a obra levante questionamentos sobre as apropriações culturais que operou, constitui-se enquanto devoração geradora de revitalizações de elementos cosmológicos Taurepang, Macuxi e Wapichana e transformações na arte indígena contemporânea.

Se por um lado o romance apropria-se de cosmologias indígenas, por outro preserva e devolve – transmutadas – suas referências. A devoração, apesar das apropriações implicadas, mobiliza alteridade, por nutrir-se do outro, e diálogo, por engendrar confluências de vozes.

Esse encontro remete à ideia de encruzilhada de Leda Martins (2003, p. 70), visto como

[...] lugar radial de centramento e descentramento, interseções e desvios, texto e traduções, confluências e alterações, influências e divergências, fusões e rupturas, multiplicidade e convergência, unidade e pluralidade, origem e disseminação. Operadora de linguagens e de discursos, a encruzilhada, como um lugar terceiro, é geratriz de produção signíca diversificada e, portanto, de sentidos plurais.

A composição plural de *Macunaíma* (1928) advém do entrelaçamento de culturas e cosmologias indígenas e populares do Brasil, que, de certo modo, promoveu a manutenção e registro de memória de narrativas míticas dos Taurepang e de outros povos.

Nesse sentido, na convocação à revisão de *Macunaíma*, tanto no ensaio *Makunaima, o meu avô em mim* (Esbell, 2018) como na exposição de arte *Meu avô Makunaima*, também de 2018, Esbell destaca que: “A prontidão instantânea de Makunaima para transformar as coisas



e transmutar a si próprio são o lado mais fantástico, portanto o menos alcançado e menos compreendido de seus grandes feitos” (Esbell, 2018, p. 30). Para Esbell (2018), Makunaima foi ocidentalizado, mas pode, atualmente, ser (re)conhecido, em suas outras e mais amplas formas.

Reantropofagia cultural e literatura indígena contemporânea

A peça *Makunaimã: o mito através do tempo* (Taurepang *et al.*, 2019) compõe uma das obras de destaque da literatura indígena contemporânea no Brasil. Partindo do gênero dramático, é repleta de intertextualidade e abarca revisão e (re)localização de narrativas indígenas a partir de *Macunaíma* (1928). Ao tratar da literatura indígena contemporânea no Brasil, Graça Graúna (2013) salienta que uma de suas características é “(re)afirmar o compromisso em denunciar a triste história da colonização e os seus vestígios na globalização ou no chamado neocolonialismo” (Graúna, 2013, p. 55).

Destacamos a operação reantropofágica presente na peça *Makunaimã* (2019) por movimentar reapropriações das narrativas indígenas presentes em *Macunaíma* (1928). Além de *Makunaimã* (2019), outras obras literárias contemporâneas abordam narrativas míticas indígenas a partir de Makunaima. Dentre elas, destacamos *Panton pia’: a história de Macunaíma* (Flores; Fiorotti, 2019), que integra a coleção do projeto *Panton Pia*¹². A obra apresenta narrativas contadas pelo narrador taurepang Clemente Flores a Devair Fiorotti, coordenador do projeto, em Sorocaima I, Terra Indígena São Marcos, em Roraima. O livro bilíngue (em português e em taurepang) compartilha narrativas acerca de Makunaima por meio de texto e ilustrações de Mário Flores, buscando valorizar e preservar o modo de narrar do narrador taurepang Clemente Flores.

Tanto a peça *Makunaimã: o mito através do tempo* (Taurepang *et al.*, 2019) quanto *Macunaíma*, da coleção *Panton Pia*’ (Flores; Fiorotti, 2019) constituem obras de literatura indígena contemporânea de composição estético-política que criam e/ou tematizam narrativas originárias. As vozes indígenas e ancestrais do Brasil vêm se fortalecendo no contexto sociocultural brasileiro, tanto na produção literária como nas artes visuais. A Arte Indígena Contemporânea tem ampliado sua visibilidade artística, tanto é que a inserção dos artistas indígenas e de suas criações nos espaços artísticos canônicos, como autores e curadores, é apontada como tática insurgente e reantropofágica por Denilson Baniwa (2021, p. 69)

[...] existe um grupo de artistas indígenas produzindo uma coisa que estava invisível e a partir daí começar uma negociação, uma estratégia de ferir para chamar atenção e aí negociar acordos onde pudéssemos ser contemplados ou escutados, pelo menos. Penso que é uma estratégia sim de insurgência e de reação, como eu digo também, um direito de resposta a um projeto de arte brasileira e a um processo histórico da arte brasileira onde não fomos incluídos e já que não podemos voltar no tempo com uma máquina do tempo para reconstruir essa história da arte podemos agora construir uma historiografia da arte contemporânea.

¹² O projeto *Panton Pia*’ (“junto da história” ou “ao lado da história”, em macuxi), coordenado por Devair Antonio Fiorotti, teve como proposta registrar e analisar as artes verbais ameríndias dos povos indígenas de Roraima.



A noção de *Reantropofagia*, de Baniwa, contesta a noção de *Antropofagia*, cunhada pelo escritor Oswald de Andrade em seu *Manifesto Antropófago*, de 1922. No texto que constitui-se como marco do Modernismo Literário brasileiro, Oswald apresenta a perspectiva cultural antropófaga na qual: “Só a antropofagia nos une. Socialmente. Economicamente. Filosoficamente. Única lei do mundo [...] Só me interessa o que não é meu. Lei do homem. Lei do antropófago” (Andrade, 1976, p. 3).

A antropofagia cultural corresponde a um “aspecto unificador de uma tradição que não nega o passado, mas o incorpora criticamente por meio de formas e temas recuperados em um novo arranjo formal” (Pereira, 2018, p. 242). Assim, a antropofagia oswaldiana se refere às operações de apropriação que são realizadas a partir de elementos externos, buscando reconhecer como eles são transformados no contexto cultural brasileiro. Desse modo, a operação antropófaga identifica como ação política e estética a devoração das referências externas para produção de outras próprias.

O artista Denilson Baniwa contesta a apropriação da noção de antropofagia oswaldiana e a apropriação de Makunaima, no romance de Andrade. Com efeito, realiza uma operação reantropofágica ao referir sua Exposição *ReAntropofagia* (2019) como: “[...] um manifesto. Quem tem que falar sobre antropofagia somos nós! Foi preciso cortar a cabeça do Mário de Andrade e servi-la na bandeja com temperos locais e pimenta para abrir espaço para Macunaimi” (Goldstein, 2019, p. 86).

Ao referir a tela *Reantropofagia*, Baniwa (2023) ressalta que:

[...] esse "Re" é de muita coisa, ele é de "revisão", de "revolta", de "reviravolta", de "reconhecimento". Primeiro, acho que nós, artistas indígenas, precisamos nos reconhecer no modernismo, em algum lugar precisa estar a gente presente. A partir disso, ocupar e reivindicar aquele espaço.

O ativismo indígena presente nas considerações de Baniwa traduz um movimento contemporâneo de retomada, de (trans)criação estética e de compromisso político com vistas à ampliação e visibilização da produção artística indígena no Brasil. Para Ilana Goldstein (2019), a arte tem o potencial de ser descolonizada, plural e "reantropofagizada", apesar dos desafios para que a realidade da arte contemporânea brasileira seja reconfigurada.

Tanto na Arte Indígena Contemporânea como na Literatura Indígena Contemporânea no Brasil tensiona-se o privilégio de circulação de narrativas hegemônicas e defende-se a autoria indígena, com o protagonismo das vozes indígenas nas artes brasileiras. A escritora e intelectual macuxi Trudruá Dorrico (2017) evidencia a emergência do potencial investigativo da/sobre a literatura indígena contemporânea. Para Dorrico (2017), a literatura indígena contemporânea deve ser reconhecida pelo seu potencial lírico-político¹³, elemento significativo e, portanto, considerado nas análises literárias deste texto. Dorrico (2017) ressalta que a produção literária indígena configura luta e autoexpressão dos povos indígenas,

¹³ Trudruá Dorrico define a Literatura Indígena Contemporânea no Brasil como “um movimento estético-político protagonizado pela identidade indígena” (Dorrico, 2021).

da mesma forma que promove uma revisão histórica e cultural pela recomposição e reescrita de memória ancestral brasileira.

Assim, da mesma forma que o cânone literário e artístico nutriu-se das cosmologias indígenas, devorando-as e gerando outras criações, a reantropofagia cultural propõe movimentos de revisão e retomada dos referenciais originários. As operações reantropofágicas criam e revitalizam poéticas indígenas a partir de suportes diversos, inclusive os ocidentais e canônicos, buscando ampliar sua circulação e disputar os espaços ocidentalizados.

Diante das operações de reapropriação, retomamos a noção de encruzilhada de Martins (2003), aliada à perspectiva de Rufino (2019) para pensar a via literária enquanto ponto de confluência de vozes. Sobre a encruzilhada, Rufino (2019) assinala que “a encruza é o umbigo e também a boca do mundo, é morada daquele que tudo come e nos devolve de maneira transformada” (Rufino, 2019, p. 18). As noções de encruzilhada em Rufino (2019) e em Martins (2012) permitem vislumbrar as confluências no mundo a partir de epistemologias e poéticas diversas, assim como as operações de devoração nelas imbricadas. Rufino (2019, 2021) abarca, ainda, o princípio de *Enugbarijó*, boca cósmica que tudo devora, e aponta para o potencial transformador e exusíaco das trocas. Todavia, o autor apresenta ressalvas quanto às relações estabelecidas entre *Enugbarijó* e o princípio antropofágico, ao mencionar que Exu é

[...] um signo negro-africano que se recodifica nos fluxos transatlânticos. Existem identificações com o princípio antropofágico, sim alguns. Porém há também muitas e muitas diferenças. É necessário considerar as variáveis cosmológicas negro-africanas e ameríndias para não simplificar os fundamentos (Rufino, 2021).

Rufino (2021) atenta para os limites nas aproximações entre as perspectivas antropofágicas negro-africana e indígena, haja vista as nuances de Exu, que realiza seus trânsitos pela diferença e pelo contraditório. No entanto, ao pensar nas operações reantropofágicas ora assinaladas e nas confluências possíveis pelos entrelaçamentos com os outros, agregamos à metáfora da encruzilhada a força de *Enugbarijó* de Rufino (2021), pelo seu potencial mítico e atributo de devoração transformadora.

Considerações finais

Makunaimã: o mito através do tempo, de Taurepang *et al.* (2019), parte do romance *Macunaíma* (1928), de Mário de Andrade, para constituir-se enquanto peça dramática que convida à revisão de narrativas indígenas. A obra possibilita um movimento de recuperação da memória histórica e cultural de povos originários que têm Makunaima enquanto entidade e força criadora e transformadora em suas cosmologias.

A partir da comparação entre a peça e o romance buscamos enfatizar o potencial de diálogo entre as obras, em que cada qual traduz, pela via literária, um compromisso de (re)criação e afirmação identitária. A obra modernista *Macunaíma*, subsidiada por narrativas míticas indígenas e populares, cria um romance de nuances culturais do povo brasileiro. Já a peça *Makunaimã*, de Taurepang *et al.*, promove a revisão cultural e histórica de referências que compõem o romance de Andrade e apontam para questões socioculturais presentes e



urgentes no debate contemporâneo acerca da apropriação de cosmologias indígenas. *Makunaimã* (2019) é uma obra de muitas vozes, indígenas e não indígenas, da literatura indígena contemporânea que fomenta a (auto)expressividade indígena no contexto brasileiro.

À guisa de conclusão, destacamos a pertinência da reantropofagia cultural expressa por Baniwa (Kachani, 2023) enquanto ação de devoração de matrizes coloniais e de reapropriação de referências originárias por meio de criações artísticas e literárias produzidas por vozes indígenas, as quais, historicamente, foram subalternizadas. É o que *Makunaimã: o mito através do tempo* (Taurepang *et al.*, 2019) desenvolve esteticamente e politicamente, assim como Baniwa (2021, 2023), Esbell (2018) e Flores e Fiorotti (2019) ao abarcarem a força transformadora da entidade indígena Makunaima na literatura indígena do Brasil e potencializarem essa manifestação estético-política de resistência, manutenção e revitalização cosmológica dos povos originários.



Referências

ALENCAR, J. **Iracema**. 24. ed. São Paulo: Ática, 1991.

ANDRADE, M. **Macunaíma**: o herói sem nenhum caráter. São Paulo: FTD, 2016.

ANDRADE, O. O manifesto antropófago. In: TELES, G. M. **Vanguarda européia e modernismo brasileiro**: apresentação e crítica dos principais manifestos vanguardistas. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1976. p. 48.

BANIWA, D. Arte indígena contemporânea: entrevista a Denilson Baniwa. [Entrevista cedida a] Marcelo Garcia da Rocha. **Cartema**, Recife, n. 9, p. 62-71, ago. 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/CARTEMA/>. Acesso em: 5 set. 2023.

BANIWA, D. Denilson Baniwa: a reantropofagia. [Entrevista cedida a] Morris Kachani. **Estadão**, São Paulo, 12 jul. 2023. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/brasil/inconsciente-coletivo/denilson-baniwa-a-reantropofagia/>. Acesso em: 10 set. 2023.

BANIWA, D. **Re-antropofagia**. 2018. Acrílica, argila, óleo, pussanga e urucum sobre tela.

CARVALHO, F. Theodor Koch-Grünberg e a cultura brasileira. **Gragoatá**, Niterói, n. 41, p. 665-685, 2016. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/gragoata/article/view/33421>. Acesso em: 16 set. 2023.

DORRICO, J. A oralidade no impresso: ‘eu-nós lírico-político’ da literatura indígena contemporânea. **Boitata**, Londrina, v. 12, n. 24, p. 216-233, ago./dez. 2017. DOI: <https://doi.org/10.5433/boitata.2017v12.e32958>

DORRICO, T. A literatura indígena contemporânea no Brasil: a autoria individual de identidade coletiva. **Flip**, Paraty, 2021. Disponível em: <https://flip.org.br/2021/a-literatura-indigena-contemporanea-no-brasil-a-autoria-individual-de-identidade-coletiva/>. Acesso em: 16 set. 2023.

ESBELL, J. Makunaima: o meu avô em mim!. **Illuminuras**, Porto Alegre, v. 19, n. 46, p. 11-39, jan./jul. 2018. DOI: <https://doi.org/10.22456/1984-1191.85241>

FARIA, D. Makunaima e Macunaíma: entre a natureza e a história. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 26, n. 51, p. 263-280, 2006. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-01882006000100013>

FLORES, C; FIOROTTI, D. **Panton pia**: a história do Makunaima. Boa Vista: Wei, 2019.

GOLDSTEIN, I. S. Da ‘representação das sobras’ à ‘reantropofagia’: povos indígenas e arte contemporânea no Brasil. **MODOS**, Campinas, v. 3, n. 3, p. 68-96, set. 2019. DOI: <https://doi.org/10.24978/mod.v3i3.4304>



GRAÚNA, G. **Contrapontos da literatura indígena contemporânea no Brasil**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2013.

MARTINS, L. Performances da oralitura: corpo, lugar da memória. **Letras**, Santa Maria, v. 26, p. 63-81, jun. 2003. DOI: <https://doi.org/10.5902/2176148511881>

PEREIRA, D. Antropofagia e identidade na representação do indígena na literatura brasileira. **Forma Breve**, Aveiro, n. 15, p. 241-251, abr. 2018. DOI: <https://doi.org/10.34624/fb.v0i15.1990>

PROENÇA, C. M. **Roteiro de Macunaíma**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1987.

RUFINO, L. **Enugbarijó**: a boca coletiva dos orixás. [Rio de Janeiro], 25 ago. 2021. Instagram: @rufino.luiz7. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CTAZKSKFaZr/>. Acesso em: 5 set. 2023.

RUFINO, L. **Pedagogia das encruzilhadas**. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2019.

SÁ, L. **Literatura da floresta**: texto amazônicos e cultura latino-americana. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2012.

TAUREPANG, A.; MACUXI; WAPICHANA; ARIEL, M.; ANDRADE, M.; GOLDEMBERG, D.; KOCH-GRÜNBERG, Theodor; RENNÓ, Iara. **Makunaimã**: o mito através do tempo. São Paulo: Elefante, 2019.

